

CONCLUSÃO

Nos últimos trinta anos o Brasil introduziu na agenda democrática a luta contra a desigualdade social, mas ainda não a consumou — e a tarefa não será fácil.

Se a democracia se consolida e caminha para a frente, a República ainda lembra um esboço que não alcançou forma. E, sendo frágil, nossa República é vulnerável ao ataque dos seus inimigos: um, o patrimonialismo, isto é, o entendimento de que o Estado é bem pessoal, patrimônio de quem tenha poder. O outro, a corrupção, que degrada a confiança que temos uns nos outros, desagrega o espaço público e consiste no furto do bem comum — por exemplo, no roubo do dinheiro público.

A corrupção não é um fenômeno exclusivo do Brasil — ela ocorre na grande maioria dos países. Mas é o veneno da República. E se acumulam as evidências de que está longe de ser um fenômeno marginal na vida pública brasileira. A história recente é pródiga em exemplos. Acusações de manipulação e corrupção foram feitas durante o governo FHC, e estão relacionadas, sobretudo, à venda de empresas estatais públicas — BNDES, Telebras, Companhia Vale do Rio Doce — e à compra de votos de parlamentares para garantir a reeleição do presidente da República. No primeiro mandato de Lula, explodiu a denúncia do “mensalão” — o pagamento mensal a deputados de diversos partidos para compra de apoio parlamentar ao governo —, que envolveu alguns dos principais dirigentes do PT. Já no final do primeiro governo



19.1. Manifestações de junho de 2013, fotografia de Rafael S. Fabres, Rio de Janeiro.*

de Dilma Rousseff vieram a público as operações de corrupção ativa, lavagem de dinheiro, formação de quadrilha e incompetência gerencial na Petrobras — a estatal mais valiosa e a que melhor simboliza as ambições de soberania e independência econômica dos brasileiros.

Foram as manifestações de junho de 2013 que revelaram, pela primeira vez, o descompasso entre o governo, o sistema político e as ruas, entre o Brasil que derrubou a inflação e começou a acabar com a pobreza extrema e o outro Brasil em que o transporte, a educação e a saúde pública são um desastre, um punhado de parlamentares envergonha os brasileiros, o futuro segue imprevisível e o país pode tanto ir para a frente quanto para trás. Essas reivindicações deixaram claro que o tempo da redemocratização do país havia terminado. Também escancararam uma pergunta. Se o Brasil deseja começar uma história contemporânea das democracias modernas, o presente é o seu principal desafio: por qual caminho seguirá o país daqui em diante? Com qual agenda os brasileiros vão enfrentar o futuro?

* A legenda interpretativa das autoras está no final deste capítulo.

ATIVIDADES PROPOSTAS

1. Peça que os alunos pesquisem nos jornais os grandes escândalos que tomaram a agenda do Brasil nos anos de 2014, 2015 e 2016.
2. Discuta com eles o conceito de corrupção de uma maneira histórica. Depois disso, divida-os em grupos e desafie-os para que pesquisem diferentes formas de corrupção existentes no país, no passado e no presente.
3. Apresente a eles os três poderes — Executivo, Legislativo e Judiciário. Divida a turma entre os três poderes e peça para que cada grupo faça uma lista de direitos e deveres da sua “pasta”. Solicite também que discriminem dificuldades presentes em sua área de atuação. Por fim, faça uma grande arena e realize um debate entre eles.
4. Discuta com os alunos os casos em que o impeachment foi utilizado no Brasil.

LEGENDA INTERPRETATIVA DAS AUTORAS

19.1. As manifestações de junho de 2013 levaram milhares de pessoas, em particular os jovens, a ocupar as ruas das principais cidades brasileiras. Traziam uma pauta aberta, na qual cabia um sentimento de insatisfação e de frustração, e a sensação de ser possível e necessário transformar a realidade. A partir de então, ficou especialmente visível que uma novíssima história do Brasil está ou deveria estar por começar.